

DAYSE MARA DA PAZ FIGUEIRA

TOMÁS DE AQUINO
A MORTE DO CORPO E A IMORTALIDADE DA ALMA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Faitanin

Niterói
2018

DAYSE MARA DA PAZ FIGUEIRA

TOMÁS DE AQUINO

A morte do corpo e a imortalidade da alma

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel e
Licenciado em Filosofia.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Paulo Faitanin
UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Prof.Dr. Antônio Serra
UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Prof.Dr.Luís Antônio Cunha Ribeiro
UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Niterói
2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D111t Da Paz Figueira, Dayse Mara
Tomás de Aquino : A morte do corpo e a imortalidade da alma
/ Dayse Mara Da Paz Figueira ; Paulo Sérgio Faitanin,
orientador. Niterói, 2018.
32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia
(Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2018.

1. Morte. 2. Alma. 3. Produção intelectual. I. Faitanin,
Paulo Sérgio, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III.
Título.

CDD -

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha mãe Marta da Paz Figueira, diarista e faxineira que impedida de frequentar as salas de aulas pelas adversidades da vida sempre me incentivou a estudar. Há alguns anos seu corpo físico já não está entre nós, mas suas orientações continuam vivas em meu ser. Consegui mãe!

Aos meus filhos Nathália Figueira da Silva, Arthur Figueira da Silva e Jorge Petrucci Junior pelo incentivo e a alegria com que recebiam minhas vitórias.

Às minhas netas Ana Paula Figueira Nascimento e Elena Figueira Nascimento, os anjinhos da minha vida.

Aos meus genros, Paulo Nascimento e Marcelo Casanova Vargas pelo carinho.

Ao professor e orientador Dr. Paulo Faitanin, pelas belas aulas de Filosofia Medieval, pela amizade, pela dedicação, pelo acompanhamento e esclarecimentos ao longo de toda minha graduação. Minha eterna gratidão.

Ao professor Antônio Serra a qual tive o prazer de cursar uma disciplina que foi memorável, pena que em seguida ele se aposentou.

Ao professor Luís Antônio Ribeiro pelas aulas de Spinoza, pela atenção e orientações quando estava à frente da Coordenação do Curso de Filosofia.

A todos os alunos e amigos do Curso de Filosofia desta Universidade.

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar o conceito de morte em Tomás de Aquino (1225-1274), filósofo e teólogo da Escolástica, a partir de sua obra *Suma Teológica*. Para o tema a Imortalidade da alma, será feito um resumo do livro que tem por título o mesmo tema em questão - *A imortalidade da alma*. O trabalho será composto de dois capítulos e subtítulos para melhor entendimento da vida, obra e pensamento de Tomás de Aquino sobre o tema a ser abordado. O TCC pretende, portanto, apenas apresentar os conceitos de morte do corpo e de imortalidade da alma. Não se pretende fazer uma exposição histórica, das influências clássicas gregas e latinas na construção do pensamento de Tomás, mas propor uma apresentação teórica e resumida do tema em Tomás, para que se entenda a importância do pensamento do aquinate ao propor a relação do corpo (forma) e da alma (substância) como indivisível, acrescentando a este pensamento que a morte natural (corrupção do corpo) é um processo natural, necessário. O TCC será dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “A vida e a obra de Tomás de Aquino” será feita uma breve exposição sobre a vida e a obra do Aquinate. Dividido em 3 (três) subtítulo. Primeiro: “Tomás de Aquino - Vida e Obra” será uma exposição da vida dedicada ao intenso trabalho de magistrado e a elaboração das suas obras literárias; o segundo dedicado “A Suma Teológica”, um dos maiores clássicos de todos os tempos; por descrever a relação de Deus com o mundo e os seres na face da terra. O terceiro subtítulo será sobre o “Corpo e a Alma”, em que se fará uma breve introdução à obra e ao tema, situando o leitor quanto às questões expostas anteriormente sobre o pensamento vigente em relação ao corpo e a alma. O segundo capítulo, intitulado “A morte do corpo e a imortalidade da alma” será composto de 2 (dois) subtítulos. O primeiro subtítulo, “a morte do corpo”, tem por objetivo compreender porque a morte do corpo é natural e essencial conforme o pensamento tomasiano. O segundo subtítulo, “A imortalidade da alma”, tem por objetivo procurar entender quais são os argumentos que viabilizam e dão sustentabilidade à tese, segundo a qual, o ocorre a morte do corpo físico e a alma permanece.

Palavras chaves: São Tomás de Aquino, corpo, morte, alma, imortalidade

SUMMARY

The purpose of this Course Conclusion Paper is to present the concept of death in Thomas Aquinas (1225-1274), a philosopher and theologian of Scholasticism, based on his Summa Theological study. For the subject of Immortality of the soul, a summary will be made of the book that has as its title the same theme in question - The immortality of the soul. The work will be composed of two chapters and subtitles for a better understanding of the life, work and thought of Thomas Aquinas on the subject to be approached. The Course Conclusion work therefore intends only to present the concepts of death of the body and of immortality of the soul. It is not intended to make a historical exposition of the classical Greek and Latin influences in the construction of Thomas's thought, but to propose a theoretical and summarized presentation of the theme in Thomas, so that one understands the importance of Aquinas's thought in proposing the relation of the body form) and the soul (substance) as indivisible, adding to this thought that natural death (corruption of the body) is a natural, necessary process. The CBT will be divided into two chapters. In the first chapter entitled "The Life and Work of Thomas Aquinas" a brief exposition will be given on the life and work of Aquinas. Divided into 3 (three) subtitle. First: "Thomas Aquinas - Life and Work" will be an exposition of life dedicated to the intense work of magistrate and the elaboration of his literary works; the second dedicated "The Theological Sum", one of the greatest classics of all time; for describing God's relationship with the world and beings on the face of the earth. The third subtitle will be "Body and Soul," in which a brief introduction to the work and theme will be made, situating the reader on the issues discussed above regarding current thinking about body and soul. The second chapter, entitled "The death of the body and the immortality of the soul" will be composed of two (2) subheadings. The first subtitle, "the death of the body," is intended to understand why the death of the body is natural and essential according to the tomasian thought. The second subtitle, "The Immortality of the Soul," aims to understand what arguments are feasible and give sustainability to the thesis, according to which, the death of the physical body occurs and the soul remains.

Key words: St. Thomas Aquinas, body, death, soul, immortality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
<i>1- TOMÁS DE AQUINO</i>	
1.1 <i>Tomás Aquino Vida e obra</i>	09
1.2 <i>A Suma Teológica</i>	16
1.3 <i>Corpo e Alma</i>	18
<i>2- A MORTE DO CORPO E A IMORTALIDADE DA ALMA</i>	
2.1 <i>A morte do corpo</i>	20
2.2 <i>A imortalidade da Alma</i>	26
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Antiga o tema da relação entre corpo e alma apresentava uma certa complexidade, tendo em vista que ao referir-se ao corpo tornava-se imprescindível referir-se à alma. Alguns filósofos do período grego, como Platão e Aristóteles e, até do período latino, como Santo Agostinho, compartilhavam a certeza de uma alma imortal; a grande questão era encontrar um argumento racional que pudesse justificar essa relação como indivisível e não como dualidade, ou seja, havia uma crença que a alma estava aprisionada no corpo e sua liberdade se dava com a morte do corpo.

Com a morte do corpo a questão era: a alma permanece? Segundo Tomás, seguindo a tradição de Platão, Aristóteles e Agostinho, afirma que a alma é imortal. Será partindo dessa afirmativa, que este estudo buscará compreender, à luz da referida obra, saber como se orchestra essa relação de morte do corpo e a imortalidade da alma.

Sob a influência daqueles autores, especialmente a de Santo Agostinho, Tomás de Aquino analisa e refuta a tese de uma relação de oposição entre corpo e alma, ou seja como duas substâncias opostas, mas unidas por razões distintas, em que a relação entre corpo e alma era vista como posição dualista, ao dizer que aquele é uma substância material e a alma é uma substância imaterial, com ênfase na desvalorização do corpo. Tomás de Aquino, partindo da teoria de Aristóteles, com elementos da filosofia platônica e agostiniana, constrói um pensamento em que concilia razão e fé, propõe uma resposta igualmente conciliadora desta relação entre corpo e alma: corpo e alma não são substâncias que se opõem nem se unem por violência e sua união substancial é indivisível por causa da alma imortal que permanece. Tomás apresenta um pensamento inovador que ecoou para além dos muros da Universidade de Paris e dos conventos medievais, tornando-se atual e presente na área cultural, intelectual e acadêmica.

A morte para muitas pessoas distantes dos círculos acadêmicos, longe das leituras e que não manifestam interesse por esse tema, é justificada pela vontade de Deus. Durante muito tempo essa resposta causava no meu ser certo desconforto. Falar sobre a morte é um tabu; não saber explicar a morte é um sentimento compartilhado por muitas pessoas oriundas das classes humildes. A falta de resposta cria um vazio. Mas não é qualquer resposta que se procura. A resposta apenas da fé fica sem sentido; dá medo.

A resposta da ciência é terrível, tudo acaba. A relação morte e alma era, e ainda é, uma relação que precisa ser compreendida por argumentos racionais aliados à luz da fé indo ao encontro de algumas pessoas na atualidade.

Pessoas que carecem compreender que a morte tem uma função essencial. Que a corrupção do corpo significa o fim do ser e da vida no corpo, mas não o fim do ser e da vida. Ou seja, se para as ciências a última fase do ciclo humano de vida termina com a morte, para Tomás de Aquino, um dos maiores pensadores, é uma nova etapa de vida, pois ele defende a existência de uma alma humana imortal. Ele não utilizou palavras vazias para explicar temas complexos, mas os colocou ancorados na filosofia aristotélica, que contribuiu amplamente para o avanço das ciências. por seu caráter, observador, metódico e lógico.

Então, por que morremos? Temos uma alma imortal? Pode uma alma imortal estar em um corpo mortal? Essas são algumas questões que esse trabalho pretende apresentar e compreender a partir do pensamento de Tomás de Aquino, que conciliando Fé e Razão; e do modo como dispõe os temas (questões disputadas) que facilita o entendimento por apresentar questões contra e a favor do tema em questão; da sua grande importância para a atualidade, em diversas áreas do conhecimento humano.

CAPÍTULO I: TOMÁS DE AQUINO

1.1 VIDA E OBRA

Tomás de Aquino nasceu no ano de 1225. Filho de Landolfo e Teodora, uma família nobre da Lombardia, que morava no Castelo de Roccasecca, Condado de Aquino- Reino da Sicília.

Quando Tomás completou 5 anos de idade, os pais o enviaram para Montecassino, onde estava localizado o conceituado Mosteiro Beneditino, para ser iniciado na vida monástica, no aprendizado da leitura e escrita. Nove anos depois, o abade de Montecassino, orienta os pais a enviá-lo à Nápoles, para dar continuidade aos estudos que havia sido interrompido por questões políticas e religiosas. No ano 1239, o jovem Tomás, há época com 14 anos, é enviado à Nápoles para dar continuidade aos estudos no *Studium Generale* de Nápoles, onde será introduzido ao conhecimento de arte e filosofia. Quando a família envia Tomás para estudar em Nápoles, a intenção, é que ao retornar para Montecassino, ele viesse a ocupar o cargo de abade, posição de muito prestígio social. Durante o período que viveu em Nápoles, Tomás conheceu os dominicanos, que pertenciam à Ordem dos Pregadores, fundada por São Domingos Gusmão. Gradativamente, a vocação de Tomás de Aquino pela vida dominicana foi se estreitando tanto, que em abril de 1244, quase 5 anos depois da sua chegada a cidade, recebeu o hábito dominicano. Preocupados com a reação da família do novo dominicano, os frades o levam para Roma e depois Bolonha. Teodora quando soube do ocorrido, reuni os outros filhos e organizar um plano para trazer o filho mais novo ao Castelo da família para demovê-lo da ideia de ser um mendicante. Os irmãos se lançam na estrada e conseguem capturá-lo à beira do caminho. Um mês havia transcorrido desde que receberá o hábito. O aquinate apesar do porte grande segue com os irmãos sem oferecer resistência. Consternados com a situação imposta a Tomás, os frades dominicanos se queixam ante as autoridades religiosas e civis, com insucesso. Tomás então é conduzido para Torre do Castelo de Roccasecca onde é impedido¹ a não sair por mais de um ano².

Durante esse período de confinamento forçado, a família tentou por inúmeras vezes demovê-lo da ideia de ser um mendicante. Todas as tentativas resultaram em fracasso.

¹- Para TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. Trad. L.P. Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999, pp13 “Tratava-se mais de uma residência forçada que um aprisionamento.”

²-Tomás ficou preso na Torre do Castelo de maio ou junho de 1244 a julho de 124

Tomás continuava firme em seus propósitos. Sua imensa sabedoria o levou a aproveitar o momento de reclusão para dedicar-se a oração, à leitura da bíblia e a estudar as obras de Aristóteles. Da oração aos estudos e dos estudos a oração, em busca da verdade, Tomás desenvolveu um profundo estado de graça divinal “cultivando uma ordenada e natural via de investigação da verdade”³ que irá germinar na síntese entre o pensamento aristotélico e o cristianismo. É desse período “o estabelecimento do seu plano de vida espiritual e de estudos, que lhe valeu por toda sua vida” (ibid)⁴.

O tempo passa e a família percebe que a vocação e a fé estão cada vez mais evidentes. Cansados pela paciência e perseverança do aquinate, eles vão tentar o último estratagema; introduzir uma moça no aposento de Tomás para o instigar e o afastar da graça. E assim foi feito. A moça foi introduzida nos aposentos do jovem que, ao perceber a presença dela pega um graveto com fogo e desenha o sinal da cruz na parede. A moça corre assustada, enquanto ele se põe a orar. Diante da postura do jovem a família percebe que não há mais nada a fazer e portanto, não podem mais mantê-lo enclausurado. Os frades dominicanos têm à permissão da família para retirar Tomás do Castelo. Os frades retiram Tomás do castelo e seguem com ele para Nápoles e depois para Roma. Deste lugar, Tomás é enviado à Paris⁵ para prosseguir com os estudos. Na Faculdade, conhece seu Tutor Alberto Magno, que percebendo o gênio do seu discípulo foi aos poucos o encarregando de trabalhos cada vez mais exigentes. Tomás desempenhou suas atividades com dedicação e sempre compenetrado. Certa vez, estando ele no exercício das suas funções um grupo de estudantes gritaram: “Frei Tomas! Frei Tomás, veja um boi voando!” Tomás levanta e caminha sereno e tranquilo até a janela; ergue os olhos para os céus em busca do animal. Um dos frades que estava rindo, olha para ele e diz: Como podes acreditar em um boi voando? Tomás olha para ele e responde com imensa sabedoria: E mais fácil um boi voar do que um frade mentir. E sob o olhar dos jovens retorna a mesa para dar continuidade ao que estava fazendo.

3- FAITANIN, Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011 p.11

4- FAITANIN, PAULO. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011 p.11

5- FAITANIN, Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011 p.11

Quando Alberto Magno teve que partir para Colônia⁶, levou Tomás para ensinar⁷ a Bíblia e as Sentenças de Pedro Lombardo. Em Colônia, Tomás ficava horas a ruminar as palavras em estado de reflexão, trazendo no semblante um olhar vago. Essa postura lhe valeu o apelido de ‘boi mudo da Sicília’. Alberto Magno, quando soube do apelido do Aquinate disse aos frades que um dia eles ainda ouviriam o mugido do boi. A história⁸ sobre a vida do aquinate demonstra que apesar de viver no período do medievo seu pensamento e ações eram concernente à época atual. No período do medievo as mulheres eram proibidas de frequentar a feira. Tomás um dia, presenciou um homem bater em uma mulher e, ao separar a briga, sem querer machucou o sujeito que foi reclamar no convento, custando ao beneditino uma retaliação. O aquinate não fazia distinção entre homens e mulheres. O que importava para ele era a pessoa em si, o próprio sujeito que é substância individual de natureza racional.

O amor que nutria pelas pessoas se estendia a preocupação de professor, aumentando a responsabilidade pela sua função de docente. Por tal motivo se dedicava arduamente aos estudos e todos os dias, pela manhã, orava e chorava a ponto de intrigar quem o via. Ao ser abordado ele disse que tinha medo de ensinar errado⁸. Quando foi ordenado sacerdote em Colônia, ele celebrava as missas, envolto em uma áurea de profunda contemplação e vivacidade.

Em 1252, Tomás retorna a Paris, pois Alberto Magno o havia indicado para lecionar Teologia. Mas Tomás não podia exercer a função de docente pois não tinha idade necessária, que era de 29 anos - estava com dois anos a menos. Américo, chanceler da Universidade de Paris concede a Tomás de Aquino a autorização para ministrar as aulas de Teologia.

Enquanto leciona, Tomás se prepara para se tornar Mestre em Sagrada Escrituras e dedica seu tempo a orar, ensinar, pensar e escrever. Entre tantas atribuições concebe dois opúsculos: *De ente et essentia* e de *Principiis Naturae*. No primeiro semestre de 1256, o

6- FAITANIN, Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011 p.11 Em 29 de junho de 1248 Alberto Magno levou Tomás para Colônia e este, permaneceu no local até o ano de 1252.

7- AQUINO, Tomás de. *A imortalidade da alma e A razão superior e inferior*/ Tomás de Aquino; pag. 17 edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga – Campinas, SP:Eclesie 2017 - Durante a Escolástica, sobremaneira nas universidades do século XII, os professores, para desempenho de suas atividades acadêmicas, compunham, mediante exaustiva pesquisa, suas obras para serem lidas e analisadas em suas aulas, no exercício da docência.

8- Anotações das aulas de Filofia Medieval IV do professor Paulo Faitanin, no dia 21 de setembro de 2016.

Papa Alexandre IV louva licença concedida pelo chanceler Aimerico a Tomás para lecionar. No final de 1256, o aquinate apresenta sua aula inaugural, obtendo o título de Mestre em Sagrada Escrituras. Entre os anos de 1257 a 1259, escreve as *Quaestiones disputatae de veritate* e comentou o *De Trinitate* de Boécio e outros opúsculos. Retorna à Itália no final do ano de 1259, por causa de uma polêmica relacionada à sua ordem.

No ano seguinte é nomeado pregador geral da província de Romana da sua ordem e permanece na cidade de Nápoles até 1261. Durante esse período escreveu o opúsculo *Contra impugnantes Dei* e a obra *Suma Contra Gentiles*, a qual defende a vida religiosa. Nesse ano, Urbano IV é eleito Papa e reuni um “seleto grupo de homens da ciência”⁹ em Orvieto entre os quais estava Tomás que foi nomeado leitor no convento da cidade. Nesse período em Orvieto, houve uma intensa produção literária.

Tomás era requisitado para resolver conflitos, amigáveis ou não. Atuou na produção de obras em respostas as medidas oficiais para a resolução do caso. Nesse campo, o aquinate se destacou por sua competência estabelecendo as primeiras bases do humanismo.

Acrescenta-se também a esse período, segundo os comentários¹⁰ aos livros de Jó que possui uma natureza escolástica e teológica, sem deixar de lado as questões mais fundamentais da existência humana, que está relacionado a antropologia filosófica. Soma-se aos feitos o ensino de Teologia Moral e na Pastoral da confissão aos novos frades dominicanos.

Durante esse período de ensino, Tomás percebe a lacuna que havia na formação dos frades dominicanos e fará uso, dessa percepção para dar início a um dos seus maiores projetos: a Suma Teológica.

“É possível que Tomás, tenha aproveitado essa época de ensino de moral pastoral para lançar as primeiras bases do que mais tarde ele retornara,..que também se deu conta do caráter parcial e lacunar dessa formação casuística dos pregadores dominicanos...Tomás por certo se lembrará dessa experiência de Orvieto quando iniciar a Suma de Teologia, alguns anos mais tarde”¹¹

9- FAITANIN, Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011

10- TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.140

11- TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.140

A pedido do Papa Urbano IV, Tomás compõe o ofício litúrgico e institui o Corpo Christis. Sua fama se expande, na mesma intensidade em que é solicitado a vários lugares da Europa para resolver “*As questões Disputadas*”. As caminhadas do aquinate chegavam a durar mais de uma semana.

Em 1264, com a morte do Papa Urbano IV, Tomás funda um *studium* dominicano. Constantemente, Tomás estudava e orava sendo encontrado muitas vezes em lágrimas e, em estado contemplativo. Sua fama de santidade começa a expandir.

Entre os anos de 1265 e 1268, permanece em Roma como Mestre Regente e fica no convento de Santa Sabina, onde escreveu *De Potentia Dei, Compendium Theologiae, De regno, Sententia Libri De anima* e, iniciou umas das maiores obras, a Suma Teológica. No outono de 1268, retorna a Paris para lecionar e defender os opúsculos *De aeternitate mundi* e o *De unitate intellectus* que estavam sendo causa da inquietude de alguns professores. Deu consultas e produziu as obras, *Lectura super Ioannem, De malo* e *Quodlibetales* e outra pequenas. As principais obras de Aristóteles que haviam sido traduzidas do grego para o latim, por Guilherme de Moerbek, foram comentadas pelo aquinate nesse período.

No ano de 1272, viajou para Nápoles para promover cursos sobre os Salmos e dar aulas sobre as epístolas paulinas dando “continuidade à III parte da Suma Teológica. A dedicação de Tomás as orações noturnas e os trabalhos intermitentes durante o dia começam a esmorecer seu corpo. “Vinte anos de intenso trabalho diário, com boa parte da noite dedicada à oração, davam mostras de tê-lo cansado.”¹²

Em Roma, 1273, ao celebrar uma missa na capela de São Nicolau, Tomás passou por grande transformação após uma experiência mística. Diante do ocorrido, o Aquinate interromper suas atividades de escrita. “Perguntado por seu secretário e amigo Reginaldo de Piperno por que abandonará a sua obra, o Aquinate simplesmente respondeu: “Não posso mais, pois em comparação com o que me foi revelado, tudo o que escrevi parece-me palha”.¹³

12- FAITANIN, Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011

13- FAITANIN Paulo. *Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação*. Cadernos da Aquinate, n. 11, Niterói: Instituto Aquinate, 2011

Após o ocorrido, Tomás se guarda em profundo silêncio contemplativo até que o Papa Gregório X o convoca para o II Concílio de Lião, que seria realizado na cidade de Nápoles. No percurso para Nápoles Tomás sofre um acidente. Com o corpo debilitado e o acidente, sua saúde se agrava impossibilitando o de seguir viagem. É levado para o Mosteiro de Fossanova onde fica hospedado.

No dia sete de março de 1274, aos 49 anos de idade, nas primeiras horas da manhã, Tomás de Aquino morre. O angelicó como era chamado, foi sepultado no Mosteiro de Fossanova.

Três anos depois da sua morte, Egidio Romano e Alberto Magno defenderam Tomás quando o Bispo Estevão, condenou 219 teses dentre as quais algumas eram atribuídas erroneamente ao aquinate.

O processo de reconhecimento da sabedoria, santidade e canonização de Tomás ocorreu quase cinquenta anos após sua morte. Na cidade de Avinhão, em 18 de julho de 1323 que o Papa João XXII o canonizou o angélico proclamando o santo com a bula *Redemptionem misit*.

Em 1369, o corpo de Tomás foi trasladado de Fossanova para Toulouse no dia 28 de janeiro. No ano seguinte, no dia 18 de julho, o Papa Urbano V, com a bula *Laudabilis Deus*, agradece aos dominicanos pelo traslado do corpo do aquinate e que as relíquias de Santo Tomás fossem guardadas.

No dia 11 de abril de 1557, São Pio V com a bula *Mirabilis Deus*, proclama Tomás de Aquino “Doutor da Igreja” O Papa Leão XIII, em 04 de agosto de 1879, estabelece o estudo da Filosofia de Tomás de Aquino com a Encíclica *Aeterni Patris*. Um ano depois, no dia 04 de agosto com a Carta Apostólica breve *Cum Hoc Sit*, declarou Tomás patrono dos estudos, das escolas e de todos os estudantes.

Na segunda metade do século XX, no centenário da morte de Tomás de Aquino, o Papa Paulo VI o declara “Luz da Igreja” com a Carta Apostólica *Lumen Ecclesiae*.

No ano de 1914, a sabedoria de Tomás de Aquino continua sendo reconhecida, desta vez pelo Papa Pio XI.

O Código de Direito Canônico de 1983, considerou as obras de Tomás como fonte segura para aqueles que aspiram a verdade.

Em 1998, com a chegada do novo Milênio, o papa João Paulo II, recordar Tomás de Aquino como modelo conciliação entre fé e razão, com a encíclica *Fides Et Ratio*, e lhe atribui o título de ‘Doctor Humanitatis’.

Um ano antes, o Catecismo da Igreja Católica cita o Aquinate em mais de 62 em questões morais, dogmáticas e em Cristologia. Em 2010, o Papa Bento XVI, durante as audiências gerais dedicadas a Tomás para em seguida ratificar e perpetuar as doutrinas do Aquinate. Tomás de Aquino é reverenciado por sua santidade e pelo legado dos seus escritos sendo considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos.

1.2 A SUMA TEOLÓGICA

“Uma vez que o doutor da igreja católica deve não só ensinar aos mais adiantados, mas instruir também os iniciantes...nossa intenção é, portanto expor o que concerne a religião cristã segundo o modo que convém a formação dos iniciantes.”¹²

Entre os anos de 1265 e 1273, Tomás de Aquino escreveu uma das maiores obras da escolástica medieval, definida pelo Papa Pio XI como “o céu visto da terra”¹³ por descrever racionalmente a relação de Deus com o mundo e os seres.

Quando Tomás foi ensinar para os jovens dominicanos no convento de Orvieto¹⁴, percebeu que os manuais de estudos de Filosofia e Teologia escritos pelos primeiros dominicanos nos anos anteriores, forneciam uma visão parcial e estreita dos temas abordados dificultando o entendimento e/ou tornando o assunto exaustivo e desinteressante. Percebendo essa lacuna, Tomás inicia seu maior projeto, um livro para estudo que inova por duas características: a linguagem e a metodologia.

A Suma Teológica descortina assuntos complexos apresentando em sua escrita uma linguagem simples, clara e objetiva que conduz a compreensão e assimilação dos temas em questão. Em relação a metodologia utilizada é a das questões disputadas¹⁵ - muito em voga nas universidades medievais, Escolástica - que consistia em submeter um tema à argumentos contra (send contra) e ou contra do tema em questão, depois há uma solução e por fim Tomás propõe uma resposta a cada uma das objeções chegando –se a solução do problema.

12- TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.170.

13- In locução de 12 de dezembro de 1924 no colégio Angelicum de Roma.

14- Página 12.

15- O livro *A imortalidade da alma & a Razão Superior e inferior*, autoria de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga da Editora Campinas-SP: Ecclesiae, 2017. P.17-19, traz uma explicação resumida sobre as Questões Disputadas que facilita a compreensão dos iniciantes aos estudos em Tomás de Aquino.

Mas o que é a Suma Teológica? Suma é igual a resumo. Teologia é o estudo de Deus e da sua relação com o homem e o universo, portanto a Suma Teológica é um corpo de doutrinas teológicas que constitui as bases dogmáticas da igreja católica, escrita com intuito de promover a assimilação do conhecimento de forma clara e objetiva, sem perder a essência dos temas abordados.

O livro está dividido em três grandes partes: *Prima Pars*, *Secunda Pars* e *Tertia Pars*.

O primeiro capítulo - *Prima Pars*, Tomás escreve sobre Deus em sua essência divina, como princípio e fim de todas as coisas que dele procedem dando um formato metafísico a essa primeira parte.

O segundo capítulo - *Secunda Pars*, Tomás fala da moral, no sentido particular e de um modo geral. Este capítulo é composto por duas partes. Na primeira parte, Tomás a partir de um conceito geral fala dos atos humanos que são direcionados para a busca da felicidade a qual, não pode ser alcançada sem as virtudes intelectuais. A felicidade é o fim último do ser. A segunda parte, fala de uma moral no sentido particular que se detém na virtude da temperança, da fortaleza e da fé.

No terceiro capítulo - *Tertia Pars*, o Aquinate vai descrever a relação entre Deus, os homens, os sacramentos, o corpo de Cristo e a igreja e a ligação que ocorre entre eles por intermédio de Jesus.

A *Suma Teológica*, foi instituído pelo catolicismo leitura obrigatória para todos aqueles que estão iniciando a vida nos dogmas da igreja ou para aqueles que almejam buscar o conhecimento.

1.3 CORPO E ALMA

Um corpo é considerado vivo quando ele tem a capacidade de mover-se por si mesmo. Se diz que está vivo, pois a vida o movimenta. Os seres que possuem movimento próprio, tal como os vegetais, os animais e o homem são denominados por Aristóteles de animados, pois eles são providos de uma substância que é o princípio da vida, que se chama alma. A palavra ‘alma’ originado do termo latino é “essência imaterial, capaz de entender, querer e sentir, que unida ao corpo forma a individualidade, pessoa”¹⁶ o que ele especifica

16- FAITANIN, Paulo. *Alma: Etimologia, Sentido, Significado e Referencia!* Revista Aquinate, nº 03,(2006) ISSN 336-337

como “princípio do movimento, de vida”¹⁷. A alma é a substancia do corpo e, portanto “a causa da vida”¹⁸ que impele o ser à ação (ato).

A alma é a substancia que dá ao corpo a forma que ele tem, ou seja, é ela mesma a forma do corpo. Sendo assim, a planta tem uma alma vegetal que lhe permite a nutrição, o crescimento e a reprodução. Os animais têm uma alma que lhes permite a nutrição, o crescimento, a reprodução e algo a mais que a alma vegetal, que é os sentidos. O homem possui todos os atributos dos outros seres e, além deles a capacidade de organizar os sentidos pela razão. Como diz Aristóteles, “Ora, enquanto os outros animais vivem das imagens e recordações, mas participam pouco da experiência, o gênero humano vive também das artes e dos raciocínios.”¹⁹ Entre todos os seres, o homem é o único que pode conhecer o mundo e a si mesmo. Aristóteles acrescenta que, “Este parece ser um gênero diferente de alma, e apenas este pode ser separado, como eterno [...]”²⁰ A alma para o filósofo é uma substância racional que não tem função corpórea, ou seja, não é um corpo, mas algo que o transcende, por ser de natureza divina.

Alguns filósofos compartilhavam com Platão, a ideia de uma alma eterna e de natureza divina. Dentre os quais, Aristóteles do período grego e Santo Agostinho, do período latino. Mas havia uma questão nessa época latina. O homem era visto com um ser dualista composto de uma alma divina e um corpo terreno. Para Aristóteles, o corpo era considerado um instrumento natural da alma. Mas para alguns seguidores de Platão, o corpo era cheio de vícios, por onde se concebia os prazeres terrenos, sendo imperfeito por sua natureza.

Uma alma divina em um corpo transgressor. Essa crença acabou gerando a visão do homem como um ser dualista, de uma alma aprisionada ao corpo. E com a morte do corpo, acreditava-se que a alma conseguia a liberdade. Tomás de Aquino contribuiu para este debate propondo uma adequada relação entre corpo e alma.

17- FAITANIN, Paulo. *Alma: Etimologia, Sentido, Significado e Referencia!* Revista Aquinate, nº 03, (2006) ISSN 336-337. Disponível em www.aquinate.net/artigos

18- FAITANIN, Paulo. *Alma: Etimologia, Sentido, Significado e Referencia!* Revista Aquinate, nº 03, (2006) ISSN 336-337. Disponível em www.aquinate.net/artigos

19- ARISTOTELES – *Metafísica*. Aquinate, n. 15, (2011), p.160. Edição, tradução e notas Paulo Faitanin. Revista Aquinate. Disponível em www.aquinate.net/traduções. Para Aristóteles a alma intelectual do homem é a que o diferencia dos outros animais.

20- ARISTOTELES – *Metafísica*. Aquinate, n. 15, (2011), p.160. Edição, tradução e notas Paulo Faitanin. Revista Aquinate. Disponível em www.aquinate.net/traduções

O aquinate também compartilhava do pensamento de Aristóteles, a saber, que a alma é o movimento da vida, o princípio vital do ser vivo. Diferente dos outros filósofos, Tomás traz um pensamento inovador que tem como base a razão, a lógica e a investigação da natureza, oriundas da filosofia aristotélica. Contudo, Tomás tem algo a mais que Aristóteles. Ele fornece explicações racionais para fundamentar os temas mais complexos da natureza humana que estava em voga naquela época, dentre os quais, a visão do homem com um ser dualista.

Na história da criação, Deus formou o homem do barro da terra e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou ser vivente.

Para Tomás de Aquino, não há oposição entre corpo (barro) e alma (oriunda do sopro divino). O que existe é uma relação dual, em que ambas as partes são substanciais essências que vão originar o homem, o mais perfeito das criaturas terrenas.

Assim sendo, esse ser possui um corpo que é matéria. Essa, é composta por vários órgãos, dentre os quais os sensitivos que possibilitam o homem conhecer o mundo. É por estes órgãos que o corpo vai captar do meio externo as sensações que serão organizadas e ordenadas pela razão. Para que isso ocorra, diz Tomás de Aquino que “*é necessário que esteja a alma intelectual unida a um corpo, que possa ser o órgão conveniente dos sentidos.*”²¹.

O corpo por sua origem e matéria “é necessário para a ação do intelecto [...]”²²; ou seja, toda a capacidade que o homem tem para compreender a realidade a qual está inserido, somente é possível porque há no homem a razão que, “não é um corpo mas depende de um órgão do corpo no qual ela exista para manifestar sua operação.”²³

O corpo precisa da alma para que possa existir como um corpo, pois a alma organiza toda a complexidade que há no corpo humano, de modo que ele possa desenvolver as potências (crescer, mover, falar, etc) que há em si.

21- AQUINO, Tomás de. *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017 pag.

22- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica* I.q.75 art.2 pag. 615

23- FAITANIN, Paulo. *Os sentidos como portas de acesso ao ser, segundo Tomás de Aquino* - Revista Aquinate, ISSN 1808-5733. Disponível em www.aquinate.net/estudos

A perfeição do corpo somente é possível por ser a alma uma substancia divina, que é “primeiro principio de vida no corpo complexo e organizado enquanto nele causa a vida.”²⁴ A alma é a forma deste corpo que está em potência, sendo ela mesma o ato desta potência e, sendo esta, uma expressão da própria forma que há no corpo. Não há corpo sem alma, pois não há corpo sem movimento, a não ser que nele na exista vida.

Portanto, o pensamento da alma como prisioneira do corpo, é dissoluto por Tomás de Aquino ao demonstrar que não há entre corpo e alma uma relação dualista e sim, dual, que constituem assim o ser único - o homem.

CAPÍTULO 2: A MORTE DO CORPO E A IMORTALIDADE DA ALMA

2.1 A MORTE DO CORPO

A compreensão do conceito de morte em Tomás de Aquino, terá como referencia, o capitulo I, questão 85 a.5 e a.6; e o capitulo II, questão 164 a.1, da Suma Teológica. Na primeira questão Tomás discorre se a morte e as misérias do corpo são efeitos do pecado. No segundo momento, se a morte foi a pena dos pecados dos nossos primeiros pais. Mas o que é a morte? Paulo Faitanin escreve:

“Por morte entende-se aqui um tema relacionado à antropologia filosófica que a estuda como privação da vida no corpo, em razão da expiração do sopro da vida no corpo, concomitante ou não a um processo natural da sua degeneração ou corrupção, a partir de uma análise metafísico-teológica- da morte no homem.”²⁵

O corpo através dos órgãos dos sentidos tem por capacidade captar as coisas do mundo, ou seja, é o medianeiro entre as “cousas tangíveis”. Por isso sua matéria por necessidade é composta de contrários, e assim sendo, ele é naturalmente corruptível, pois ele mesmo é a causa da sua corrupção. No corpo se percebe, se sente e sofre as misérias, a morte não. Esta não pode ser sentida, pois a morte é a privação de todos os sentidos vida.

24- FAITANIN, Paulo. *Os sentidos como portas de acesso ao Ser, segundo Tomás de Aquino* - Revista Aquinate, ISSN 1808-5733. Disponível em www.aquinate.net/estudos

25- FAITANIN, Paulo. *A morte como fim para um começo sem fim, em Tomás de Aquino*- Revista Aquinate, ISSN 1808-5733, Disponível em www.aquinate.net/artigo

Mas porque morremos? Longe dos conceitos científicos, o que se aprende é que a morte, é um castigo dado ao homem pelo desobediência ao seu criador. Seria a morte um castigo? Seria a morte um efeito do pecado?

Na questão 85, a. 5 “Se a morte e as outras misérias do corpo são efeitos do pecado.” Tomás lança três objeções que sustentam que a morte e as misérias não são efeitos do pecado.

Objeção 1 - “*causas iguais produzem efeitos iguais*”. Todos são herdeiros do pecado cometido pelos primeiros pais, então as misérias e a morte devem ser iguais para todos. Mas o que se percebe é que uns sofrem mais que outros, evidenciando uma diferença na distribuição da pena. Portanto, a morte e as misérias do corpo não são efeitos do pecado.

Objeção 2 - “*removida, à causa, removido fica o efeito.*” O batismo e a penitência têm como finalidade a remoção do pecado. Mas o que se percebe é que as misérias e a morte não são removidas do corpo. Portanto não são efeitos do pecado.

Objeção 3 - “*O pecado atual é mais essencialmente pecado que o original*”. O pecado atual é algo que viola a Lei de Deus no pensamento, no desejo, palavras e ações. Quando homem pratica esses atos, ele não altera a natureza do seu corpo, como aconteceu com o pecado original. Portanto não são efeitos do pecado.

Sed contra, Tomás introduz um argumento contrário, do Apostolo que diz “(Rm 5, 12): por um homem entrou o pecado neste mundo e pelo pecado, a morte.” Como resolver essa questão?

Tomás aponta uma **Solução**. Ele explica que uma causa pode produzir efeito de dois modos: essencial e accidental. Essencial é quando a causa se produz em “virtude da sua natureza ou forma” onde o efeito da causa é em si mesmo e conclui que, como “a morte e as outras misérias do corpo estão fora da intenção do pecador, é manifesto que o pecado não é, em si mesmo, causas dessas misérias.” Para explicar o efeito accidental, Tomás utiliza um exemplo de Aristóteles. Uma coluna com uma pedra sobreposta é empurrada e, sendo empurrada a coluna a pedra que lhe estava sobreposta é removida acidentalmente. Igualmente o pecado do primeiro pai é causa da morte e de todas as misérias dos homens em sua natureza humana. Pelo pecado cometido pelo primeiros pais, houve a perda da justiça original, que “lesou a alma, pela desordem das potencias.” O corpo se tornou corruptível pela desordem do próprio corpo. A pena dada ao homem foi a perda da justiça original e da graça. Com a perda da justiça original vieram todas as consequências do pecado original, as misérias e a morte do corpo.

Depois de apresentar a solução, Tomás responde às questões, que afirmam que às misérias e a morte não são efeitos do pecado.

Resposta à primeira objeção: “causas iguais produzem efeitos iguais” Tomás responde em relação a essência que: causas iguais essenciais produzem por si mesmo efeitos iguais. E aumentada ou diminuída a causa também haverá aumento ou diminuição do efeito. Em relação a igualdade das coisas, Tomás retoma o exemplo usado da coluna. Mas desta vez, utiliza duas colunas. Ele explica que quando as duas colunas são derrubadas, com a mesma força de impulso, as pedras que estão sobre elas, caíram diferentes. A que for mais pesada vai cair mais rápido, por causa do seu tamanho e forma, “ficando abandonada a si mesma”. Com a perda da justiça original a “natureza do corpo humano” ficou abandonado por si mesmo. E abandonado por si mesmo, cada corpo, segundo sua própria “compleição natural” ficou sujeito a maiores ou menores misérias de acordo com sua constituição física, mesmo que o pecado original afete a todos de forma igual.

Resposta à segunda objeção, Tomás utiliza o que diz o Apóstolo, em Romanos 8,11 que diz: *“dará vida aos vossos corpos mortais, pelo Espírito, que habita em vós.”* E faz uma observação, que essas coisas se “realizarão em tempo oportuno, segundo a ordem da divina sabedoria” e complementa, que um dia haveremos de “chegar à imortalidade começada em Cristo” Mas antes de alcançar a glória, é necessário que o homem nesta vida, participe dos sofrimentos, “conforme Cristo” para que seu corpo mereça a impassibilidade de glória.

Resposta à terceira objeção: Tomás diz que no pecado atual, dois elementos devem ser considerados, a substância do ato e a culpa. O ato pode causar misérias no corpo e cita como exemplo as pessoas que por comer demais acabam morrendo. A culpa, segundo o aquinate nos priva da graça que nos é dada para “retificar os atos da alma” e não impedir as misérias do corpo como fazia a justiça original. O pecado atual não causa, como o pecado original essas misérias.

No artigo 6, Tomás lança três objeções em relação a matéria e mais três objeções em relação a forma para no final dar a solução se a morte e as demais misérias do corpo são naturais ao homem.

O sexto discute-se assim. – Parece que a morte e as demais misérias do corpo são naturais ao homem.

Objeção 1 - O “corruptível difere genericamente do incorruptível”. Se o homem e os brutos são do mesmo gênero, então ambos são naturalmente corruptíveis. Logo, o homem também é corruptível.

Objecção 2- “Tudo que é composto de princípios contrários é corruptível” e complementa, “quase tendo em si mesmo a causa da corrupção”. O corpo humano é assim. Logo, ele é naturalmente corruptível.

Objecção 3- “O quente naturalmente consome o úmido”. A vida é conservada pelo calor e pela umidade. Como as operações vitais do corpo se exercem pelo ato do calor natural, como diz Aristóteles, resulta que a morte e as demais misérias do corpo são naturais ao homem.

Mas em contrário. Diz Tomás – Objeção 1. “Tudo que é natural ao homem foi Deus quem fez”. Mas na escritura em (Sb 1.3) diz que Deus não fez a morte. Logo ela não é natural ao homem.

Objecção 2- Tomás diz que “Conforme a natureza” a todo ser é conveniente o que lhe é natural. A morte e as demais misérias do corpo são pena do pecado original, como ele já havia dito anteriormente no artigo 5. Logo são naturais ao homem.

Objecção 3- “A matéria se proporciona a forma, e a todas as coisas ao seu fim”. O fim do homem, como diz Tomás é a beatitude perpetua. A forma do corpo humano é a alma racional que é incorruptível. Logo o corpo humano é naturalmente incorruptível.

Solução. Tomás diz que de dois modos se pode considerar um ser corruptível. Em relação a natureza universal e a particular. Em relação a natureza particular “é a virtude ativa e conservativa do próprio ser”. Sendo assim, diz Aristóteles, toda corrupção e deficiência é contra a natureza; pois, a virtude referida busca a existência e a conservação do ser a que pertence.

Em relação à natureza universal, Tomás diz que é a virtude ativa que existe num princípio universal da natureza. Tomás cita como exemplo, que “em alguns corpos celestes ou em alguma substancia superior, leva a certos darem Deus a denominação de natureza naturante”. Essa virtude, que é princípio universal da natureza, busca o bem e a conservação do universo. Sendo assim, “as corrupções e as deficiências dose seres são naturais”; mas não pela inclinação da “forma que é princípio de existência e da perfeição; mas pela matéria que é atribuída proporcionalmente a uma determinada forma”. O aquinate complementa, dizendo que isso se dá “conforme à distribuição do agente universal.”

Tomás diz que toda forma tende a perdurar no ser, o quanto possível perpetuamente, contudo, diz ele, que nenhuma forma de ser corruptível pode conseguir a perpetuidade de existência. Com exceção da alma racional, “por não estar como as outras formas, sujeita de modo nenhum à matéria corpórea “pois é dotada da sua atividade imaterial própria, como já

demonstrou na primeira parte da questão 75 artigo.2. “Por onde quanto à sua forma, é natural ao homem, mais que aos outros seres corruptíveis, a incorrupção”. Mas ele explica que como essa forma esta ligada a matéria, que é composta de princípios contrários a inclinação da matéria resulta na incorrupção. Mas, “como essa forma também está ligada à matéria composta de princípios contrários, da inclinação da matéria resulta a corruptibilidade do todo”. E a esta luz, diz Tomás, “o homem é naturalmente corruptível, segundo a natureza da matéria abandonada a si mesma e não segundo a natureza da forma.”

Tomás explicita que as três primeiras objeções se fundam na matéria e as outras três na forma. Para resolver essas questões, deve-se considerar que a “forma do homem, a alma racional, é pela sua incorruptibilidade, proporcionada ao seu fim, que é a felicidade perpétua. O corpo humano, porém, corruptível considerado na sua natureza é, de certo modo, proporcionado a sua forma, e de certo, em outro, não. “Pois podemos levar em conta qualquer matéria, uma dupla condição natural da matéria”. Ele cita como exemplo o ferreiro que para fazer uma faca, “escolhe matéria dura e dúctil capaz de adelgar-se e torna-se apta à incisão”. O ferro, nessa condição é matéria proporcionada à faca. “Mas pela sua natural disposição o ferro é frágil e contrai ferrugem”, e esta disposição, diz Tomás que não foi escolhida pelo artífice, antes a repudiaria se ele pudesse. Por onde, a disposição da matéria não é proporcionada à intenção do artífice nem ao fim da arte. De modo semelhante, o corpo humano é por sua compleição equilibrado, “a matéria escolhida pela natureza para o órgão” conveniente “ao tato e às outras potencias sensitivas e motoras”. Mas, é corruptível, por causa da condição da matéria. “E essa corruptibilidade a natureza não a escolheu”; antes, diz Tomás, se a natureza pudesse escolheria matéria incorruptível. Mas Deus, quem tem toda natureza sujeita a ele, “supriu na instituição do homem, essa deficiência da natureza, dando ao corpo uma certa incorruptibilidade, pelo dom da justiça original. E por isso se diz que Deus não fez a morte, e que a morte é pena do pecado.”

Por onde é clara às RESPOSTAS AS OBJEÇÕES.

Na questão 164, no artigo 1, Tomás aborda o tema da morte, descortinando se ela foi a pena do pecado dos nossos primeiros pais. Tomás apresenta sete objeções a favor que sustentam a ideia, “Se a morte foi pena do pecado dos nossos primeiros pais.” A frase primeira que introduz o tema é: “Parece que a morte não foi a pena do pecado dos nossos primeiros pais.” Tomás passar a expor as objeções.

Objeção 1- *“o que é natural ao homem não pode ser considerado pena do pecado”*, pois este não aperfeiçoa a natureza, ao contrario a corrompe. “A morte é natural ao homem” por

que “seu corpo é composto de elementos contrários” e pela introdução do “termo mortal” sendo usado para definir o conceito de homem. “Logo a morte não foi pena do pecado dos nossos primeiros pais.”

Objeção 2 - “*A morte e as demais deficiências corporais tanto se encontram nos homens como nos animais*” Tomás diz que segundo a Escritura, há a morte dos homens e a morte dos brutos, e que ambas, estão em condições igual. Se para “os brutos a morte não é pena do pecado, logo nem nos homens.”

Objeção 3 - Os “*nosso primeiros pais eram pessoas especiais*”, a morte resulta da “natureza humana total, logo não parece pena do pecado dos nossos primeiros pais.”

Objeção 4 - Nós “*nos originamos dos nossos primeiros pais*” por isso todos os homens haveriam de sofrer igualmente a morte, se ela fosse pena do pecado deles. Essa ideia é falsa, por que alguns homens irão morrer mais de pressa que outros e com maiores sofrimentos ou não. “Logo, a morte não é pena do primeiro pecado.”

Objeção 5 - “*O mal da pena vem de Deus*” como está estabelecido. Segundo a escritura, “Deus não fez a morte”, logo, a morte não é pena do pecado.

Objeção 6 - “[...] *as penas não são meritórias*” por mérito se entende como algo bom, ou seja, “supõe o bem” em contrário, a pena supõe o mal. A morte, as vezes é meritória, como as dos mártires. Logo a morte não é pena do pecado.

Objeção 7 - “*A pena implica sofrimento*”. A morte não é sofrimento, pois parece, que “quando ela chega nos não a sentimos”. Não podemos sentir a morte, e se ela ainda não chegou “não podemos senti-la”. Logo, a morte não parece ser pena do pecado.

Objeção 8 - “*Se a morte fosse pena do pecado, teria resultado imediatamente dele*”. O que parece não ser verdade, pois os primeiros pais viveram muito tempo. Logo, a morte não parece ser pena do pecado.

Depois de apresentar os argumentos, que defendem a ideia que a morte não parece ser pena do pecado original, Tomás de Aquino lança um

Sed contra, valendo-se da mesma frase do Apóstolo, citada anteriormente, “*Por um homem entrou o pecado neste mundo, e pelo pecado, a morte.*”. Em seguida, o aquinate expõe uma

Solução. Tomás diz que, se alguém for privado de receber algum benefício por culpa sua, a privação desse benefício será a pena da culpa cometida. E explica que “o homem, desde o primeiro instante da sua criação recebeu de Deus o benefício enquanto tivesse o seu espírito sujeito a Deus. Enquanto o homem estivesse, sob a proteção divina, as potências inferiores do

corpo estariam sujeitas a alma.” Como o homem repeliu pelo pecado, a “sujeição divina”, as potências inferiores não ficaram mais sujeitas à alma, passando a atuar e como consequência da sua atuação, o homem passou a se submeter a seus apetites carnis, e não alma, “donde resultou a morte e as outras deficiências corporais.” A vida e a saúde do corpo, diz Tomás, consiste em sujeitar os apetites da carne à alma, tal como o perfectível, a sua perfeição. A falta de sujeição do corpo a alma, resultam “a morte, a doença e todas as misérias do corpo”. Fica claro que, “a rebelião do apetite carnal contra o espírito é a pena do pecado dos nossos primeiros pais, assim também o é a morte e todas as misérias do corpo”.

Tomás depois de apresentar a solução, para o caso, apresenta a resposta para cada uma das setes objeções, que compõe o artigo.

Resposta à primeira objeção: Tomás, diz que “chama-se natural o que é causado pelos princípios da natureza”, que são a forma e a matéria. A forma do homem é a alma racional que por sua essência é imortal. “Por onde a morte não é natural ao homem”. Em relação à matéria, ela é um corpo que é composto de elementos opostos, onde resulta necessariamente a corruptibilidade.” A corruptibilidade do corpo humano é uma consequência da matéria por ser ela órgão do tato e por mediano entre as cousas tangíveis, mas essa condição somente é possível pela composição da matéria. A condição de corruptível não está relacionada pelo jeito como a matéria se adapta a forma, pois assim o fosse, a matéria seria imortal. Para melhor compreensão Tomás utiliza o exemplo da serra de ferro. Um artesão ao produzir uma serra de ferro, faz a escolha da forma e do material da serra, baseado para função a qual ela está destinada, o corte. Ela deve ter uma forma que facilite o manuseio e uma dureza que possibilite o corte. Essa serra com o tempo pode apresentar ferrugens. O aparecimento de ferrugem na serra, não foi uma escolha de quem a fez. Pois se o artesão pudesse “faria a serra de um ferro, que não pudesse enferrujar-se.” Deus que é criador do homem é onipotente. E desde o momento da criação, livrou o homem da necessidade de morrer, que é uma condição da matéria em que foi criado. Com o pecado dos primeiros pais, perderam esse benefício. Assim, “a morte é natural pela condição da matéria; e é penal pela perda do benefício divino, que dela preservava.”

Resposta à segunda objeção – Tomás diz que a única semelhança entre os homens e os brutos, é pela “condição da matéria”, pois ambos são compostos de elementos contrários. Em relação a forma, o homem tem uma alma imortal enquanto a alma dos brutos é mortal.

Resposta à terceira objeção – Nossos primeiros pais foram criados por Deus, não somente como pessoas singulares, mas como princípio de toda natureza humana. E deles haveria de

descender para os pósteros o benefício divino que preservaria o homem da morte. Por isso pelo pecado deles, toda natureza humana, nos pósteros, incorreu na morte.

Resposta à quarta objeção – Uma privação pode resultar do pecado de dois modos: Como pena determinada por um juiz, essa privação deve ser igualmente para todos que pecaram. A outra é resultante por acidente da referida pena. Por exemplo, o caso de alguém que ficando cego por culpa sua cai no caminho. Essa privação não se proporciona a culpa nem é pesada pelo juiz que não pode ter a consciência dos acontecimentos fortuitos. Desta forma, a pena aplicada ao primeiro pecado foi a subtração do benefício divino da qual se conservava à natureza humana a sua retidão e integridade. As misérias consequentes dessa subtração são as mortes e outras penalidades da vida presente.

Resposta à quinta objeção – A morte pode ser considerada como a dupla luz. Primeiro como um mal da natureza humana. Como tal, não vem de Deus, mas de uma privação resultante da culpa humana. Segundo, implica de certo modo o bem enquanto uma certa justa pena. Nesse sentido vem de Deus. Por isso Agostinho diz que Deus não é autor da morte senão por pena.

Resposta à sexta objeção - Diz Agostinho que assim como os maus usam o mal não somente dos males, mas também do bem; assim os bons usam o bem, não só dos bens, mais ainda dos males. Donde vem usar os maus mal da lei, sendo a lei um bem, e morrerem bem os bons, embora a morte seja um mal. Na medida que os santos usam bem da morte, elas são meritórias.

Resposta à sétima objeção - A morte pode ser considerada em duplo sentido – Primeiro como privação da vida. Então, não pode ser sentida por ser a privação dos sentidos da vida. Portanto, esta luz não é pena do sentido, mas do dano. Segundo, enquanto corrupção mesma, cujo termo é a privação. A corrupção, pode se compreender de dois modos. De um modo como termo de alteração; nesse sentido dizemos chegar a morte no primeiro instante mesmo em que há privação da vida. De outro modo pode ser entendida como o ser que se encaminha a geração, então a morte pode ser sofrimento.

Resposta à oitava objeção – Diz Agostinho que à referida morte se consumou no dia em que foi praticado o que Deus proibiu.

2.2 A IMORTALIDADE DA ALMA²⁵

Sendo o homem um ser a partir da relação dual entre alma e corpo, e sendo o corpo matéria corruptível, ou seja, que se decompõe por sua natureza, seria a alma imortal? Paulo Faitanin e Bernardo Veiga escrevem “sobre esse tema Tomás defende que a alma humana é imortal e incorruptível”²⁶

O homem se diferencia dos outros seres por sua capacidade intelectual, ocupando um lugar intermediário entre os seres da natureza e Deus.

É com base nessa natureza intelectual do homem, que Tomás formula cinco argumentos sobre a imortalidade da alma humana.

O primeiro argumento que Tomás utiliza para demonstra a imortalidade da alma, é com base “... na natureza própria da atividade intelectual, que esta aberto ao conhecimento de todas as coisas e no conhecimento que é necessário e universal”.²⁷ A alma humana é capaz de compreender os universais das formas, a realidade que se apresenta extraindo dela sua essência particular. Para que a alma consiga compreender os universais as formas universais e particulares é necessário que haja algo nela que seja incorruptível, ou seja, é necessário que o entendimento que ela tenha das coisas, e o que ela entende da coisa, pertençam ao mesmo gênero de coisas incorruptíveis, uma vez que “é necessário que a perfeição e o perfectível estejam contidos sob um mesmo gênero.”²⁸

O segundo argumento, fala sobre a virtude infinita da alma. Tomás descreve a capacidade que a alma tem para entender os universais e as coisas infinitas e particulares. E para que a alma esteja aberta ao infinito, diz Tomás de Aquino que *apud* “as potências dessa substância são proporcionais e se fundam sobre seus princípios”.²⁹ E para que isso aconteça é necessário que a substância seja incorruptível.

No terceiro argumento Tomás fala que a todo tempo a alma está inclinada para o bem.

25- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017.

26- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017 pag.20

27- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017

28- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017

29- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017. Pag. 19 Apud

Diferente dos animais que estão restritos aos instintos a se inclinarem apenas em um determinado momento, a alma inclina-se ao bem a todo tempo. E, este desejo da alma em inclinar ao “ao ser e ao bem” não pode ser em vão.

No quarto argumento, Tomás “destaca a admiração que move o homem a querer investigar o conhecimento das coisas.”³⁰ É da natureza humana buscar o conhecimento das coisas e as causas que antecederam a elas, ou seja, o homem busca pelo princípio de todas as coisas.

Mas o homem não busca qualquer princípio, ele busca o princípio verdadeiro das causas no mundo.

Com o argumento da revelação, Tomás faz a citação do evangelho de João para indicar a finalidade última do homem. Tomás afirmar, “que é necessário que a alma humana exista depois do corpo para atingir o fim último”.³¹

No quinto e último argumento, Tomás explica a posição de vários filósofos “retomando parte os argumentos por eles apresentados”.³² Para Tomás a alma humana tem em si a potência para conhecer as coisas sensíveis. Se a alma humana conhece as coisas sensíveis, significa que ela tem potência para as conhecer. Pois caso contrário, se ela, a alma fosse limitada, reconheceria apenas uma coisa sensível, o que não ocorre. O homem consegue reconhecer “infinitas naturezas sensíveis”. Assim, o conhecimento das coisas do mundo, somente pode ocorrer em algo incorruptível, que é a alma, pois ao corpo é dado a potência de sentir, mais o reconhecimento das coisas esta além das funções corpóreas.

Tomás de Aquino na resposta aos argumentos, escreve que extinção do corpo ocorre por defeito dele mesmo, enquanto a alma não se extingue, permanece. Pois há na alma uma composição de ser e essência que pode se distinguir do ser, da própria substância que é a forma. Essa composição é encontrada em todas as coisas, ou seja, “aquilo que é, que é o mesmo, pois o próprio ser, é isso pelo qual cada coisa é”,³³ pois somente em Deus, sua substância é o seu ser, ou seja, a forma é a substância que subsiste no ser. A alma substancial do corpo permanece, pois não há no ser e na essência da alma elementos contrários e que, portanto, a alma humana é imortal por sua essência.

30- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017.

31- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017. Pag. 24

32- AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017. Pag. 20

33 - AQUINO, Tomás de (1225-1274) *A imortalidade da alma e a Razão Superior e Inferior/ Tomás de Aquino; edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017. Pag.

Cada coisa foi criada de acordo com o fim a que está destinada. A alma humana intelectiva esta destinada a beatitude, sendo assim tem que haver algo em sua natureza, que a faça atingir a beatitude, e conclui que alma humana é imortal em relação ao fim que lhe está destinada.

Os argumentos da alma humana, portanto são baseados na natureza da atividade intelectiva, na natureza do inteligido, na virtude infinita, na inclinação da alma e na finalidade última do homem.

A finalidade última, é alcançar a verdadeira felicidade que somente pode ser alcançado com o retorno a Deus.

CONCLUSÃO

Quando escolhi o tema em questão tinha como finalidade procurar entender o motivo pelo qual o homem morre e ao mesmo tempo é dito imortal. Eu não conseguia entender como algo que a princípio se contrapõe poderia se harmonizar. E pode. A relação entre corpo e alma saiu da contradição para ser dual, não dualista. No segundo momento, a finalidade foi desenvolver um trabalho que pudesse fornecer, principalmente para pessoas de fora do círculo acadêmico um material para a compreensão da morte do corpo, saindo do dito popular “é a vontade de Deus”.

Esse trabalho é apenas um grão de área, o início de um caminho rumo ao conhecimento.

A morte do corpo e a imortalidade da alma são temas complexos e inesgotáveis e neste trabalho buscou-se a compreensão dessa relação com base nos escritos de Tomás de Aquino, considerado um dos grandes filósofos e fundador das bases do dogmatismo cristão. Com uma escrita densa pelo teor do assunto, mas transfigurada em palavras simples com uso de exemplos, a cada página que se percorrer da *Suma Teológica*, confirma-se que Tomás a fez com intuito de aclarar as dúvidas e fazer o leitor refletir sobre fatos e acontecimentos da existência humana

Criado a imagem e semelhança de Deus, o homem recebeu do criador o sopro da vida e se tornou ser vivente. O homem não estava destinado à morte, mesmo tendo em si uma natureza corpórea corruptível, que por si mesma é mortal.

No ato da criação, Tomás explica que Deus fez o homem um todo organizado, “sem nenhuma deficiência” colocando a natureza corpórea subordinada à alma intelectiva e ambas sob a Justiça original. Mas, o pecado cometido pelos primeiros pais retirou deles e das gerações posteriores a Justiça original. O corpo antes organizado fica por sua própria conta e pela condição da sua matéria passa a sofrer as misérias e a morte. Como cada homem difere do outro pela compleição do corpo, uns sofrem mais e outros menos. As escolhas que o homem faz também podem lhe causar misérias e morte.

Mas o homem não é apenas um corpo corruptível, ele também é alma. Há perfeita sincronia entre matéria e forma, resultando em uma relação dual. A alma está entre as coisas incorruptíveis. Alma é incorruptível por sua capacidade de abstrair as formas das coisas universais e necessárias que são incorruptíveis. Tomás diz que a alma possui uma virtude infinita e que ao todo instante esta inclinada ao Bem.

O homem precisa passar pelas dores e pela morte nesta vida para que em um tempo em que ele ignora, consiga alcançar a impassibilidade, ou seja, um estado em que o corpo não mais sofrerá.

Se a corrupção do corpo tem um função, então cabe ao homem, ao estar diante dela,

não se assustar com as inúmeras metáforas sobre a morte, dentre a qual, de um ser vestido de preto com uma foice na mão, e, sim, acalmar seu espírito, pois Deus como Ser onipote, talvez já tenha feito o homem de ser corruptível, para que após a corrupção do corpo, o homem pudesse retorna àquele que lhe deu o sopro da vida, e nele encontrar seu fim último, que é a eterna felicidade com Deus.

Parafrazeando, o artigo “A morte como um fim para um começo sem fim” (Faitanin, Paulo, nº 25, 2014) se pode dizer que a morte é apenas uma etapa, para um novo começo, para o qual o homem esta destinado a ser feliz junto ao criador, por isso o homem é corpo e alma.

11) Bibliografia

Primária:

TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2001-2006.

TOMÁS DE AQUINO, *A imortalidade da alma*. Campinas-SP: Ecclesiae, 2017.

Secundárias:

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOEHNER, P., GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995.

COSTA, R. e SILVEIRA, S. “A Morte na perspectiva de Santo Tomás de Aquino”, in: In: SANTOS, Franklin Santana (org.). *A Arte de Morrer - Visões Plurais - Volume 2*. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009, pp. 209-217.

DE LIBERA, A. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FAITANIN, P. *A dignidade do homem: a antropologia filosófica de Santo Tomás de Aquino*. Niterói: Cadernos da Aquinate, n. 7, 2010.

FAITANIN, P. “O valor do Sofrimento. Uma leitura a partir de Santo Tomás de Aquino. 2ª Edição. Cadernos do Aquinate, 2008.

FAITANIN, P. “A morte como o fim para um começo sem fim em Tomás de Aquino”, *Aquinate*, n. 25, (2014), pp. 21-29.

FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. Tomo III. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KENNY, A. *Filosofia Medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOYN, H.R. (Org.) *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MCCRAGE, A. S. (org.) *Filosofia Medieval*. Aparecida: Idéias & letras, 2008.

MURILLO, J.I. *El valor revelador de la muerte*. Estudios desde Santo Tomás de Aquino. Pamplona: Cuadernos de Anuario Filosófico, n. 74, 1999.

SARANYANA, J. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: IBFCRL, 2006.

TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. São Paulo: Edições, Loyola, 1999.